

Originales

As doenças mais mortíferas: retratos de um jornalismo que procura promover a saúde

The most deadly diseases: portraits of a journalism that seeks to promote health

Las enfermedades más mortíferas: retratos de un periodismo que busca promover la salud

Sofia Gomes¹, Felisbela Lopes^{1*}

¹Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Departamento de Ciências da Comunicação, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal.

Fecha de recepción: 01/04/2017 – Fecha de aceptación: 31/08/2017

Resumen

Prevenir passa por evitar a doença, no limite, evitar a morte. As doenças que mais matam em Portugal são as doenças do aparelho circulatório e os tumores, segundo os dados do Instituto Nacional de Estatísticas (2016). As primeiras não são prioritárias nos média noticiosos; as segundas suscitam grande interesse (do) público e, por isso, são omnipresentes no discurso mediático. Queremos aqui saber de que modo os jornais generalistas procuram prevenir as doenças que mais matam em Portugal. Porque o jornalismo da saúde é um poderoso meio de informação dos cidadãos e porque aí está grande parte da formação de uma agenda que se estende ao espaço público e consequentemente vai criando quadros de perceção da realidade. Fazemos esse estudo, elegendo a imprensa portuguesa como pano de fundo e a promoção da saúde como ângulo que seleciona os textos que interessam estudar. Para isso, seguimos alguns objetivos concretos: identificar os artigos que abordam as doenças que mais matam; perceber de que modo o fazem; sobre que temáticas se focam estes textos e, por fim, procurámos identificar e caracterizar as fontes de informação citadas nos artigos. De um mundo de 425 artigos noticiosos que falam de prevenção, 88 destacam as doenças do aparelho circulatório e as oncológicas. Os artigos foram retirados dos jornais diários portugueses: Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias e Correio da Manhã. Este artigo parte do princípio de que a prevenção das doenças e a mediatização da morte andam de mãos dadas na imprensa portuguesa e conclui que a prevenção das doenças que mais matam em Portugal é feita de uma forma direta, havendo uma intervenção prévia à doença, que acontece através da mediatização de rastreios ou de um incentivo à vacinação.

Palavras-chave: Comunicação em Saúde, Jornalismo em Saúde, prevenção, doenças, morte.

Abstract

To prevent is to avoid disease and, on the edge, avoid death. The most deadly diseases in Portugal are related to the circulatory system and to tumors, according to the data of the Statistic Portugal (Portuguese acronym: INE). The first ones are not a priority in the news; however, the second ones arouse great public interest and are omnipresent in the media discourse. We want to know how general newspapers seek to prevent the most deadly diseases in Portugal. Because health journalism is here a powerful mean to inform citizens and because there is a great part of the construction of an agenda that extends to the public space and consequently creates pictures of perception of reality.

This is the aim of our study, choosing the Portuguese press as a background and the health promotion as the angle determines the texts to study here. For this, we follow some concrete objectives: to identify the articles that approach the most deadly diseases; to realize how they do it; about which themes these texts focus and, finally, we have tried to identify and characterize the sources of information cited in the articles. In 425 news articles that talk about prevention, 88 highlight diseases of the circulatory system and oncological. The articles were taken from the Portuguese daily newspapers: Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias and Correio da Manhã. This article assumes that the prevention of diseases and the mediatization of death go hand in hand in the Portuguese press and concludes that the prevention of the most deadly diseases in Portugal is done in a direct way, with a previous intervention to the disease, which through the mediation of screening or an incentive to vaccination.

Key words: Health Communication; Health Journalism; prevention; diseases; death.

Resumen

Prevenir pasa por evitar la enfermedad y, en el límite, evitar la muerte. Las enfermedades que más matan en Portugal son aquellas relacionadas con el aparato circulatorio y los tumores, según los datos del Instituto Nacional de Estadística (Acrónimo de portugués: INE). Las primeras no son prioritarias para los medios de comunicación; las segundas suscitan gran interés (en el) público y, por lo tanto, son omnipresentes en el discurso mediático. Queremos saber cómo los periódicos generalistas buscan prevenir las enfermedades que más matan. Porque el periodismo de salud es aquí un poderoso medio de información de los ciudadanos y porque ahí está gran parte de la formación de una agenda que se extiende al espacio público y, consecuentemente, va creando cuadros y contextos de percepción de la realidad. Realizamos este estudio, eligiendo la prensa portuguesa como telón de fondo y la promoción de la salud como ángulo que selecciona los textos de estudio de interés. Para esto, seguimos algunos objetivos: identificar los artículos que tratan sobre las enfermedades que más matan; entender cómo el hacer; conocer el foco temático de los textos y, por último, identificar y caracterizar las fuentes de información citadas en los artículos. Un total de 425 artículos hablan de la prevención, 88 ponen de relieve en las enfermedades del sistema circulatorio y las oncológicas. Los artículos fueron extraídos de los diarios portugueses: Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias y Correio da Manhã. Este artículo asume que la prevención de enfermedades y la mediatización de la muerte van de la mano en la mano en la prensa portuguesa y concluye que la prevención de las enfermedades que más matan en Portugal se hace de manera directa, pasando antes de la intervención de la enfermedad, que pasa a través de la mediatización de las proyecciones o incentivo a la vacunación.

Palabras clave: Comunicación en Salud; Periodismo en Salud; prevención; enfermedades; muerte.

Financiamento

O estudo desenvolvido enquadra-se no projeto de doutoramento “Comunicação e Saúde: Jornalismo preventivo e fontes de informação” (SFRH/BD/89792/2012), financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, a decorrer no Centros de Estudos de Comunicação e Sociedade, na Universidade do Minho.

*Correspondencia: felisbela@ics.uminho.pt

Introdução

Nem sempre as notícias de saúde tratam de saúde. Muitas vezes, o trabalho jornalístico sobre saúde mediatiza a doença e, no limite, a morte. Percorrendo a imprensa diária generalista, encontram-se vários artigos noticiosos que retratam a prevenção da saúde e os tratamentos das doenças. Todavia, há que reconhecer que noticiar a morte pode também ser uma forma de a prevenir, quando se destaca o que não correu bem ou quando se dá atenção a sintomas que, quando atempadamente identificados pelos cidadãos, podem ser tratados com sucesso.

Dados do Instituto Nacional de Estatísticas referentes aos anos entre 2012 e 2014 (2016) demonstram que, em Portugal, as doenças mais mortíferas são as do aparelho circulatório, os tumores e a diabetes. Com valores bastante distantes da terceira causa de morte – diabetes –, as doenças do aparelho circulatório variam entre os 30,4% em 2012 e os 30,6% em 2014 e os tumores malignos variam entre os 23,9% em 2012 e os 25% em 2014. (Gráfico 1)

Doenças que mais matam em Portugal

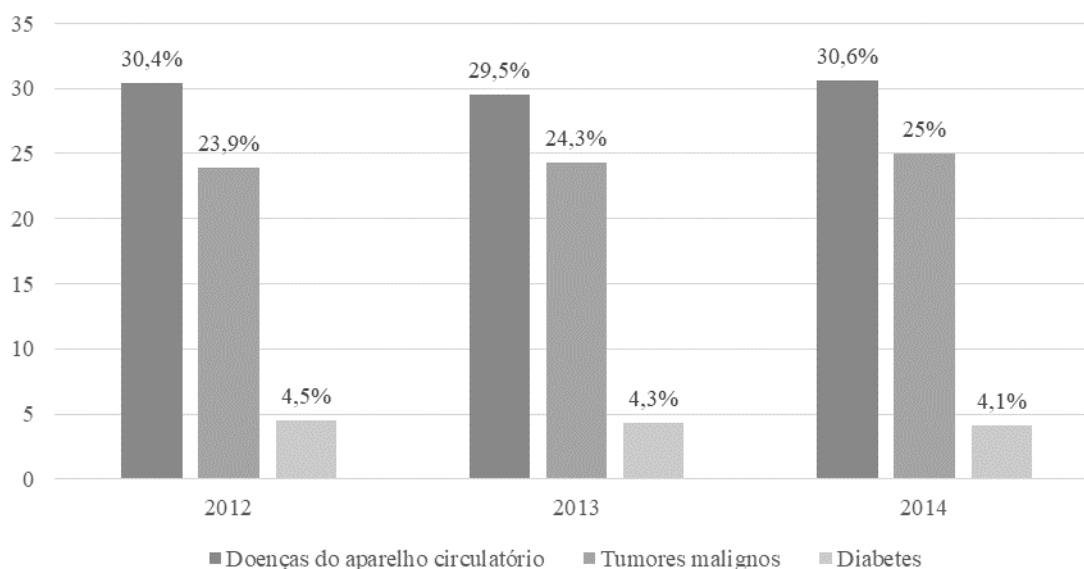


Gráfico 1. Óbitos por causas de morte (2012-2014). Fonte: INE (2016)

No espaço público mediático, uma das doenças que mais atenção suscita é o cancro, muitas vezes mediatizado por um ângulo de esperança e de procura de comportamentos preventivos por parte dos cidadãos que manifestam bastante interesse em relação a esta cobertura (Melo, 2010; Moser, Mccaul, Peters, Nelson & Marcus, 2007; Hay, Buckley, & Ostroff, 2005). Há, na verdade, um efeito circular entre a produção e a receção de notícias sobre as doenças oncológicas, podendo o campo da saúde capitalizar essa atenção a favor de uma prevenção que urge ser intensificada. E que bom

seria se isso pudesse ser replicado noutras doenças, principalmente naquelas que se revelam mais mortíferas.

Partindo do princípio de que a prevenção das doenças e a mediatização da morte andam de mãos dadas na imprensa portuguesa, queremos, com este estudo, saber de que modo os jornais generalistas procuram prevenir as doenças que mais matam em Portugal. Fazemos isso identificando os artigos que abordam as doenças que mais matam, percebendo de que modo o fazem e sobre que temáticas se focam e, procurando, ainda, identificar e caracterizar as fontes de informação citadas nos artigos.

A resposta a estes objetivos passa pela compreensão de questões teóricas como a Comunicação e o Jornalismo em Saúde, a promoção da saúde, a prevenção das doenças e a mediatização da morte.

Enquadramento teórico

A saúde dos indivíduos é um aspeto de grande relevância e interesse social, pelo que se torna fundamental perceber a cobertura mediática da saúde. Para isso, importa compreender alguns dos conceitos que estão na base da mediatização desse campo. Num primeiro ponto deste enquadramento, refletimos acerca da mediatização dos assuntos de saúde à luz dos contributos dos campos da Comunicação em Saúde e do Jornalismo em Saúde. Aí, salientamos o tópico da prevenção como algo que consideramos primordial em qualquer ato que procure promover a saúde dos cidadãos. Por fim, porque nem sempre os objetivos da Comunicação em Saúde e da prevenção são alcançados, importa pensar na possibilidade de uma situação limite: a morte.

A Comunicação e o Jornalismo enquanto meios de promover a saúde

É nosso objetivo pensar a Comunicação e o Jornalismo em Saúde enquanto ferramentas que capacitam o indivíduo para a tomada de decisões em prol da sua saúde. Nesse sentido, este ponto dedica-se à definição destes conceitos e dos seus principais fundamentos, procurando tornar claro o seu papel numa sociedade que se quer mais saudável.

Gary Kreps, tido como o pai da Comunicação em Saúde (Socha & Stamp, 2010), defende que a comunicação é um processo primário imprescindível para a disseminação de cuidados de saúde. Outro investigador reconhecido, Scott Ratzan, afirma que a Comunicação em Saúde é um processo que visa influenciar a tomada de decisões dos indivíduos em prol da sua saúde. Falamos aqui de uma comunicação persuasiva que deverá ser sempre pautada por claros princípios éticos. Apoiado por outros estudiosos desta área, Ratzan acredita que o objetivo da Comunicação em Saúde passa pela melhoria das condições de vida das populações, através dos ditos cuidados de saúde. Gary Kreps e Linda Neuhauser (2003) defendem que a Comunicação em Saúde assenta na disseminação de mensagens especializadas que procuram motivar o público a alterar os seus comportamentos em favor da saúde. Richard Thomas diz que a Comunicação em Saúde é uma “ferramenta aceite na

promoção da saúde pública” (2006: 4). Imprescindível, diríamos, como iremos constatar ao longo deste texto.

Partindo, então, do princípio de que a Comunicação em Saúde procura influenciar os indivíduos a cuidarem da sua saúde, importa compreender como isso é posto em prática. É aqui que entra o Jornalismo em Saúde. De facto, o jornalismo constitui-se uma ponte que une com eficácia a saúde ao público. Na verdade, muitos cidadãos encontram nos média noticiosos uma grande fonte de informação sobre o campo da saúde. Por outro lado, este campo também tem vindo a suscitar um crescente interesse por parte dos jornalistas. Todavia, essa reconhecida importância acarreta algumas responsabilidades para as redações. É preciso, pois, que a informação seja transmitida de uma forma doseada e apresentada de um modo simples para que possa ser bem assimilada por qualquer tipo de audiência (Tanner, Friedman & Zheng, 2015; Hinnant, Len-Ríos & Jee Oh, 2011).

De facto, no Jornalismo em Saúde, a audiência tem em grande consideração a informação que recebe, especialmente na tomada de decisões em prol da saúde (Tanner et al., 2015; Friedman, Tanner & Rose, 2013). Por isso, o jornalismo especializado em saúde deve facultar informações claras e precisas, desempenhando, assim, um papel importante na literacia para a saúde (Tanner et al., 2015; Friedman, Tanner & Rose, 2013; Wilson, Robertson, McElduff, Jones & Henry, 2010; Hinnant & Len-Rios, 2009). Neste contexto, os jornalistas têm que chegar à informação certa, nomeadamente através da escolha de fontes de informação credíveis e reconhecidas nos assuntos que se mediatizam (Messner & Distaso, 2008).

Ora, paralelamente à seleção de temas, é nas fontes que os jornalistas encontram parte da dificuldade para retratar a saúde. Porque quem deve falar nem sempre está acessível ou integra a lista daqueles que o jornalista conhece. Por isso, nem sempre o leque das fontes é tão diversificado como aquele que se ambicionaria, embora o jornalismo da saúde evidencie uma forte, e bem justificada, dependência de fontes oficiais ou especializadas institucionais do campo da saúde. De um modo geral, no jornalismo em saúde, os media tendem a contactar as mesmas fontes de informação e essas por força da regularidade com que falam com os jornalistas entendem a dificuldade de transmitir informação credível e descodificada, fazendo um esforço para que isso aconteça. Todavia, fora deste grupo, fica uma enorme espiral do silêncio na qual se inserem atores que também importaria ouvir, como é o caso dos pacientes.

Prevenir através dos média: a importância de antecipar e definir estratégias para combater doenças

Partindo dos objetivos centrais da Comunicação em Saúde, importa, pois, pensar na prevenção como tópico central da mediatização da saúde. Conforme refere Zapater, a prevenção tornou-se um conceito mais recorrente por volta da década de 90, altura em que passou a ser encarada como uma âncora cujo objetivo é “delimitar o âmbito de ação humanitária no campo de deslocamentos forçados” (2010: 1). Investigadores como Leavell e Clark (1976) apontam para a ideia de que prevenir envolve

uma ação antecipada que visa impedir que uma doença se desenvolva e, concomitantemente, que se chegue a um ponto sem retorno: a morte. Por outras palavras, prevenir é sinónimo de evitar que algo aconteça através de medidas de precaução, ou seja, agir de antemão contra uma determinada ocorrência ou ainda tornar certo acontecimento impossível devido a uma ação antecipatória. Na saúde, prevenir pode passar por “chamadas de ação antecipadas, com base no conhecimento da história natural para que seja improvável que a doença progrida” (Czeresnia, 1999: 705).

Para que haja prevenção é importante ter conhecimento dos riscos e da probabilidade de se ficar doente, pelo que “a efetivação de estratégias preventivas está vinculada ao índice e/ou prevalência de doenças na região em que vive uma comunidade” (Staliano, 2012: 41). É igualmente importante tomar conhecimento dos fatores motivadores da doença para que se escolham estratégias indicadas a cada caso. Sobre isto, Moreira defende que “a valorização da prevenção como estratégia foi acompanhada de evoluções do próprio conceito de prevenção” (2005: 12). Portanto, pode dizer-se que há um paralelo entre a evolução do conceito de prevenção e a forma como esta passou a ser vista e valorizada pela sociedade.

A morte nos média

É função do jornalismo informar a sua audiência acerca de questões relacionadas com a saúde, com o objetivo de melhorar o conhecimento da população relativamente ao seu bem-estar físico e mental. Mas é também função do jornalismo relatar rigorosamente aqueles que são os casos de rutura, que, no limite, se traduzem na morte.

A morte não é um assunto novo nos média. Desde sempre, os meios de comunicação familiarizam-nos com este tópico. Como refere Oliveira, “o carácter de noticiabilidade do fim da vida acompanhou toda a história do jornalismo” (2005: 1952). De acordo com a investigadora, “a precipitação dos média para o centro dos acontecimentos, de que as potencialidades dos novos meios de comunicação foram inteiramente responsáveis, conferiu à morte um novo lugar no imaginário contemporâneo” (Oliveira, 2005: 1953), pelo que a experiência atual relativamente à morte é bastante distinta daquela que se tinha quando a informação era dada, sobretudo, por escrito e com algum distanciamento dos acontecimentos. De facto, “de longe, sempre de longe, os jornalistas foram os nossos olhos diante da morte. Contaram as vítimas e contaram-nos o horror da morte” (Oliveira, 2005: 1956).

Sobre esta questão da mediatização da morte, Moisés de Lemos Martins defende que “a sociedade vive em permanente flirt com a morte” (2013: 111) e que atualmente os rituais de celebração da morte já não são rituais de passagem. Nas palavras do investigador, através dos média, “é-nos dado a ver, em direto, o próprio acontecimento. A morte em direto faz equivaler a morte de todas as tragédias coletivas, e também a morte de todas as personalidades, assim como a morte do cidadão comum” (2013: 113). Acrescenta Moisés Martins que “a narrativa mediática da morte constitui, é verdade, uma intérmina glosa à condição humana: sempre com a morte nos olhos, vivendo em

permanente tensão” (2013: 113). O investigador faz também uma comparação que nos parece de extrema pertinência neste contexto: se “na narrativa tradicional, a hora da morte vem pela calada e apanha-nos na mais completa solidão”, na narrativa mediática “a reportagem jornalística da morte subverte, é um facto, os códigos jornalísticos” (Martins, 2013: 113).

Metodologia

Tendo como mote de todo o nosso trabalho o estudo de textos noticiosos que procuram promover a saúde, interessamo-nos aqui os artigos que tratam as doenças mais mortíferas. Parece que nos movemos num paradoxo que será apenas aparente, porque logo desfeito quando aprofundamos as opções metodológicas que foram sendo tomadas.

Elegendo a imprensa generalista como ferramenta de trabalho, procuramos dela retirar os artigos que elegem a prevenção como tema dominante, ou seja, textos que incentivam uma ação antecipada, fornecendo informação antes da chegada da doença e textos que dão conta de sintomas ou tratamentos de uma certa doença e que funcionam como um alerta. Dentro desse conjunto de textos, elegemos aqueles que falam das doenças que mais matam: as do aparelho circulatório, os tumores e a diabetes.

Identificadas as doenças que mais matam em Portugal, procuramos, no mesmo período, os textos que delas falam para perceber de que modo essa mediatização se processou. De um universo de 425 artigos noticiosos que falam de prevenção, 88 destacam as doenças do aparelho circulatório e as oncológicas. Esta amostragem decorre de um método de seleção não probabilístico aplicado a quatro jornais portugueses: Público, Jornal de Notícias, Diário de Notícias e Correio da Manhã.

Procuramos aqui analisar as características dos artigos, nomeadamente, através de variáveis como o tipo, o tamanho, os títulos dos textos e, por outro lado, o tempo e a geografia dos acontecimentos mediatizados. Queremos igualmente pormenorizar as temáticas abordadas. Numa fase seguinte, propusemo-nos identificar as fontes de informação escolhidas, caracterizando-as através das seguintes variáveis: presença e número de fontes, identidade, geografia, tipo, estatuto e especialidade médica.

Este estudo, de carácter quantitativo, foi desenvolvido com o auxílio do programa de análise estatística SPSS (Statistical Package for the Social Sciences).

Resultados e discussão

As doenças mais mortíferas nos jornais generalistas portugueses

Da análise quantitativa dos 88 artigos selecionados, damos conta de que o número de textos foi equilibrado durante o triénio em estudo, verificando-se um aumento mínimo e gradual de ano para ano. Se em 2012 foram publicados 28 textos, em 2013 publicaram-se 29 e em 2014 foram publicados 31. Um dos pontos mais importantes na análise destes 88 textos é o facto de 84 deles serem exclusivamente sobre tumores, ou seja, apesar de as doenças do aparelho circulatório serem as principais causas de morte em Portugal – identificadas na nossa base de dados em três casos: AVC, Reumática e Coração –, no que toca à sua mediatização, os tumores passam-lhes à frente.

Portanto, podemos afirmar que não existe uma correspondência direta entre os dados oficiais apontados pelo INE - em que as doenças do aparelho circulatório aparecem com destaque – e a atenção dada a esta doença pela imprensa generalista (Gráfico 2).

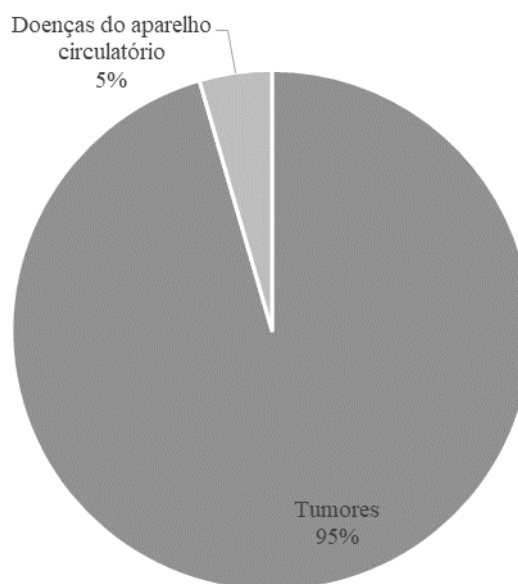


Gráfico 2. Frequências e percentagens da variável 'doença'

A variável 'jornal' ajuda-nos a perceber que jornais fazem uma maior mediatização das doenças que mais matam em Portugal. Constatamos, então, que o Correio da Manhã é aquele que mais publica sobre este assunto (30,7%), seguindo-se o Jornal de Notícias com uma diferença de artigos mínima (28,4%). O Diário de Notícias e o Público apresentam valores mais reduzidos (Tabla 1).

Jornal	Frequência	%
Correio da Manhã	27	30,7
Jornal de Notícias	25	28,4
Diário de Notícias	21	23,9
Público	15	17,0
Total	88	100

Tabla 1. Frequências e percentagens da variável 'jornal' no triénio 2012-2014

Relativamente ao tipo de artigo, os dados do triénio apontam para o domínio das notícias (89,8%), em detrimento das reportagens (5,7%) e das entrevistas (4,5%). O tamanho do artigo é outra variável que nos permite caracterizar os textos publicados sobre as doenças que mais matam em Portugal. A análise dos dados ressalta uma preferência por textos médios (39,8%) e breves (38,6%). Com uma percentagem bem mais reduzida encontram-se os artigos extensos (21,6%).

O tipo de título escolhido em cada texto dá-nos uma perspetiva acerca do modo como as doenças mais mortíferas são noticiadas na imprensa portuguesa. Contrariamente ao que seria de esperar num trabalho de análise que seleciona as doenças, os títulos positivos destacam-se em quase metade dos textos (47,7%). Os títulos negativos e neutros/ambíguos apresentam valores bastante próximos, 28,4% e 23,9%, respetivamente.

Ainda numa análise às características dos artigos, a variável temática ajuda-nos a perceber do que falam realmente os textos. Tratando-se de temáticas de caráter preventivo, algumas delas apontam para abordagens diretas e prévias à doença, como é o caso dos 'rastreios' ou da 'medicação/vacinação'. Outras temáticas como os 'tratamentos', os 'retratos de saúde' ou os 'medicamentos/outros' apontam para uma prevenção mais indireta, tratando-se de situações em que os artigos noticiam casos em que a doença já está presente, mas que através da sua mediatização pode ser evitada no futuro.

Pelos dados obtidos, podemos dizer que os textos abordam prioritariamente os rastreios (54,5%) e isso explica a abordagem positiva que se reflete logo no título. Os rastreios são, portanto, noticiados de modo positivo e preventivo (Tabla 2).

Temática	Frequência	%
Rastreios	48	54,5
Medicação/Vacinação	11	12,5
Tratamentos	9	10,2
Estilos de vida de risco/situações de risco	8	9,1
Retratos de Saúde	6	6,8
Medicamentos/outros	3	3,4
Alimentação	2	2,3
Estilos de vida saudáveis	1	1,1
Total	88	100

Tabla 2. Frequências e percentagens da variável 'temática' no triénio 2012-2014

Em textos que se propõem ser de promoção da saúde, o mais esperado seria declinarem o tempo em modo futuro ou de antecipação. Ora, grande parte deles nem sequer referência à data contêm e, quando isso acontece, o tempo mais frequente é o do dia anterior (Tabla 3).

Tempo do acontecimento	Frequência	%
Sem referência	41	46,6
Dia anterior	18	20,5
Antecipação de eventos	15	17,0
Ponto de situação	10	11,4
Mais de um dia	4	4,5
Total	88	100

Tabla 3. Frecuencias e percentagens da variável 'tempo do acontecimento' no triénio 2012-2014

Dos casos em que há uma referência temporal identifica-se a predominância do passado, através de textos que se referem ao dia anterior. Este tempo do acontecimento é explicado pelo facto de os artigos mediatizarem muitos factos ocorridos precisamente no dia anterior ao da publicação. Parece, portanto, existir uma agenda marcada por fontes, muitas vezes dimensionada à medida da cobertura mediática. Referimo-nos, por exemplo, a eventos como conferências, rastreios, reuniões governativas, entre outros. Contudo, os dados relativos aos eventos mostram o contrário. Dos 88 artigos sobre as doenças mais mortíferas, 18 deles estão associados à realização de eventos sobre o tema, ou seja, 20,5%. Por consequência, 79,5% dos textos tratam de notícias que não estão sustentadas em eventos.

Embora pareça existir uma contradição entre a ideia de que há uma agenda marcada por eventos e a baixa percentagem de casos em que a notícia é associada a eventos, devemos notar que o número de artigos em que são identificados eventos é o mesmo que o número de artigos que apresenta o 'dia anterior' como referência temporal. Parece, pois, existir uma relação entre a realização de eventos e a opção de escrever no pretérito. Consequentemente, os restantes textos que não são associados a eventos correspondem aos casos em que se escreve noutro tempo: antecipação, em jeito de ponto de situação, com quatro ou mais dias de diferença ou até sem qualquer referência a data.

No que diz respeito ao lugar da notícia, verifica-se que a maioria dos textos tem aqui um âmbito nacional (65,9%). À exceção das regiões do Norte, do Centro e de Lisboa e Vale do Tejo, os textos são referentes a geografias globais, dentro e fora de fronteiras. Ou seja, aquilo que se reporta não está preso a um lugar específico, mas reporta realidades mais abrangentes (Tabla 4).

Lugar da notícia	Frequência	%
Nacional Global	58	65,9
Internacional e Nacional Global	8	9,1
Norte	7	8,0
Centro	7	8,0
América do Norte	4	4,5
Europa	2	2,3
Internacional Global	1	1,1
Lisboa e Vale do Tejo	1	1,1
Total	88	100

Tabla 4. Freqüências e percentagens da variável 'lugar da notícia' no triénio 2012-2014

Qual o perfil das fontes que falam sobre as doenças mais mortíferas?

Da análise dos textos sobre as doenças mais mortíferas durante o triénio 2012-2014, realçamos o facto de a maioria dos artigos apresentar fontes de informação (97,7%). Um jornalismo de fontes é sempre algo positivo a registar. Nos 88 textos analisados, somam-se 176 fontes. Destas, 96,6% são fontes identificadas e apenas 3,4% são fontes não identificadas. Não há fontes anónimas registadas neste estudo. Vejamos agora com mais pormenor quem são os interlocutores ou os documentos que os jornalistas escolhem para promover a saúde de modo a neutralizar as doenças mais mortíferas em Portugal. Percorrendo todos os textos, notámos que um elevado número de artigos apresenta apenas uma fonte de informação (44,3%). Textos com duas fontes aparecem em número mais reduzido (28,4%) e os valores baixam ainda mais quando o número de fontes aumenta: 12,5% para os casos de três e de quatro ou mais fontes. No que diz respeito ao lugar a partir do qual a fonte se torna notícia, repara-se que metade das fontes citadas fala-nos de um ponto de vista nacional, ou seja, são fontes que representam o país como um todo. Com valores bastante abaixo, surgem as fontes situadas a Norte (13,6%). Importa também apontar o facto de 10,2% das fontes não terem qualquer região atribuída. Estes valores da opção 'nacional' encontram explicação se pensarmos na variável 'estatuto da fonte' (que veremos à frente) e no domínio de fontes oficiais e especializadas institucionais. Estas fontes falam em nome do Governo ou de uma instituição e, por esse motivo, adquirem um carácter nacional (Tabla 5).

Geografia das Fontes	Frequência	%
Nacional	88	50,0
Norte	24	13,6
Não sei	18	10,2
América do Norte	14	8,0
Centro	10	5,7
Lisboa e Vale do Tejo	10	5,7
Europa	7	4,0
Internacional	2	1,1
América do Sul	1	0,6
Ásia e Oceânia	1	0,6
Algarve	1	0,6
Total	176	100

Tabla 5. Freqüências e percentagens da variável 'geografia das fontes' no triénio 2012-2014

Relativamente ao tipo de fonte, a maioria das fontes caracteriza-se pelo traço humano (76,7%). Destas fontes humanas, destacam-se as fontes masculinas com 54%, seguindo-se as fontes femininas com 15,3%. Importa ainda realçar que as fontes não-humanas (documentos e media) são o segundo tipo de fontes mais citadas, antes das mulheres (Tabla 6).

Tipo de fonte		Frequência	%
Humanas	Pessoal masculino	95	54,0
	Pessoal feminino	27	15,3
	Instituições	12	6,8
	Coletiva	1	0,6
Não humanas	Não pessoal	37	21,0
	Não sei	4	2,3
Total		176	100

Tabla 6. Frecuencias e porcentagens da variável 'tipo de fonte' no triénio 2012-2014

A variável estatuto da fonte é talvez aquela que mais informação nos fornece sobre quem é citado. Os dados apontam para a importância dada às fontes especializadas institucionais (41,5%) e, a seguir, às fontes oficiais (21%), ambas as categorias incluídas no campo da saúde (Tabla 7).

	Estatuto da fonte	N	%
Dentro do campo da saúde	Oficiais	37	21,0
	Especializadas institucionais	73	41,5
	Especializadas não institucionais	9	5,1
	Documentos	18	10,2
	<i>Media</i>	1	0,6
	Fora do campo da saúde	Oficiais	2
	Especializadas institucionais	4	2,3
	Especializadas não institucionais	0	0,0
	Documentos	3	1,7
	<i>Media</i>	14	8,0
	Sociedade	13	7,4
	Outros	2	1,1
	Total	176	100

Quadro 7. Frecuencias e porcentagens da variável 'estatuto das fontes' no triénio 2012-2014

Por último, procuramos perceber qual a especialidade dos médicos identificados como fontes de informação. Os resultados apontam para especialidades relacionadas com o tratamento de tumores: oncologia (28,6%), medicina dentária (14,3%), cirurgia plástica reconstrutiva e estética (9,5%) e Dermato-Venereologia (9,5%). Se no primeiro caso a correspondência é evidente, o caso da especialidade de medicina dentária corresponde a artigos que tratam a questão dos cancros orais, o caso da cirurgia plástica reconstrutiva e estética está associado aos textos sobre cancro da mama e a dermatovenereologia relaciona-se com textos sobre cancro da pele (Tabla 8).

Especialidade das Fontes	Frequência	%
Oncologia	12	28,6
Dentária	6	14,3
Cirurgia Plástica Reconstrutiva e Estética	4	9,5
Dermato-Venereologia	4	9,5
Outro	2	4,8
Cirurgia	2	4,8
Urologia	2	4,8
Cardiologia	1	2,4
Gastroenterologia	1	2,4
Ginecologia/Obstetrícia	3	7,1
Otorrinolaringologia	2	4,8
Pneumologia	1	2,4
Genética Médica	1	2,4
Não sei	1	2,4
Total	38	100

Tabla 8. Frecuencias e percentagens da variável 'especialidade das fontes' no triénio 2012-2014

Conclusões

A primeira conclusão que ressalta é a de uma falta de sintonia entre a realidade e a respetiva mediatização. As doenças que mais matam em Portugal não estão refletidas com a mesma importância nos jornais portugueses. Ainda que se preocupem com as doenças oncológicas, os jornalistas não manifestam idêntico interesse pelas doenças do aparelho circulatório. Apesar de liderarem a lista do INE, estas doenças sofrem de um efeito 'espiral do silêncio' nos textos noticiosos. Por outras palavras, a mediatização destas doenças é suprimida pela mediatização das doenças consideradas dominantes para a opinião geral, sendo relegadas para o silêncio, constituindo um ciclo vicioso: se não são mediatizadas, não são alvo de interesse e, por não serem alvo de interesse, não são mediatizadas. Num estudo sobre a cobertura mediática da diabetes, Gollust e Lantz chegam a algumas conclusões semelhantes. Afirmam que também existe um tratamento dominante da doença, potenciando "quadros de injustiça" (2009: 1096).

Dando particular atenção ao tamanho que os textos ocupam nas páginas dos jornais, constata-se uma certa irrelevância dos temas tratados, na medida em que grande parte deles são de tamanho breve ou médio. Sobre a dimensão dos artigos, também Gollust e Lantz identificam uma fraca aposta em textos longos, concluindo que a cobertura noticiosa tende a concentrar-se em pequenos episódios, deixando de parte uma discussão mais ampla (2009: 1096).

Portanto, as doenças que mais matam não são aqui uma prioridade. Todavia, os média noticiosos não dão delas um retrato ameaçador. Contrariamente ao expectável, as doenças que causam morte geram títulos noticiosos positivos, talvez por se tratar de textos que se referem à morte como algo que ainda é possível de evitar (uma vez que se tratam de textos preventivos) e não como um facto consumado.

No que diz respeito ao lugar da notícia, há aqui alguma sintonia com a realidade que importa espelhar. Há, pois, uma correspondência entre a região tida como a mais afetada pelas duas doenças segundo o INE e a segunda região com maior percentagem relativamente à nossa variável 'lugar da notícia', ou seja, o Norte.

No que diz respeito ao perfil das fontes, apesar de o número de citações ser expressivo, não há diversidade de fontes, algo bem explícito no reduzido número de fontes que se cita em cada artigo. E ainda que haja aqui um jornalismo que passa ao lado do anonimato daqueles a quem dá voz, o certo é que os escolhidos se declinam hegemonicamente pela voz masculina e pertencem às chamadas elites do poder da saúde, aqui representado pelas fontes especializadas institucionais e pelas fontes oficiais. Num estudo sobre o jornalismo de saúde e as fontes de informação nos jornais portugueses entre 2008 e 2010, Lopes, Ruão, Marinho e Araújo concluem o mesmo: "os homens tendem a ser fontes mais citadas, em grande parte devido à atração dos jornalistas pelas fontes oficiais, maioritariamente masculinas" (2011: 116).

De um modo sumário, este artigo parte do princípio de que a prevenção das doenças e a mediatização da morte andam de mãos dadas na imprensa portuguesa. Uma atenção cuidada às temáticas envolvidas nos textos que estudamos permite concluir que a prevenção das doenças que mais matam em Portugal é feita de uma forma direta, ou seja, existe uma intervenção prévia à doença, que acontece através da mediatização de rastreios ou de um incentivo à vacinação (67% dos casos).

Assim, o correto fornecimento de informação sobre determinadas doenças pode levar à sua prevenção e, no limite, à diminuição de casos em que estas doenças resultam em morte. É, pelo menos, esse o objetivo último da Comunicação em Saúde, aliada ao Jornalismo em Saúde. Uma boa mediatização da saúde (e da morte) pode resultar em sucessos para o bem-estar geral dos indivíduos.

Referências bibliográficas

- Czeresnia, D. (1999). O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. *Cadernos de Saúde Pública*, 15, 701-709.
- Friedman, D., Tanner, A. & Rose, I. (2013). Health Journalists' Perceptions of Their Communities and Implications for the Delivery of Health Information in the News. *Journal of Community Health*, 39, 378-385. DOI: 10.1007/s10900-013-9774-x
- George, F. (2012). Causas de Morte em Portugal e Desafios na Prevenção. *Revista Científica da Ordem dos Médicos*, 25, 61-63. Disponível: <http://hdl.handle.net/10400.26/9876>
- Gollust, S. & Lantz, P. (2009). Communicating population health: print news media coverage of type 2 diabetes. *Social science & medicine*, 69(7), 1091-1098.
- Gomes, E. & Lopes, F. (2016). Doença do legionário: da mediatização da doença à contagem das mortes. In M. Martins, et al. (Ed.), *Figurações da morte nos média e na cultura: entre o estranho e o familiar*. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade.
- Gomes, E. (2012). Jornalismo de Saúde: Prevenir ou Remediar? Análise dos textos de saúde dos jornais: Público, Jornal de Notícias e Expresso de 2011, Universidade do Minho, Portugal.
- Hay, J., Buckley, T. & Ostroff, J. (2005). The role of cancer worry in cancer screening: a theoretical and empirical review of the literature. *Psycho-Oncology*, 14, 517-534. DOI: 10.1002/pon.864
- Hinnant, A., & Len-Rios, M. (2009). Tacit understanding of health literacy: Interview and survey research with health journalists. *Science Communication*, 31, 84–115. DOI: <https://doi.org/10.1177/1075547009335345>
- Hinnant, A., Len-Ríos, M. & Jee Oh, H. (2011). Are Health Journalists' Practices Tied to Their Perceptions of Audience? An Attribution and Expectancy-Value Approach. *Health Communication*, 27, 234-243. DOI: 10.1080/10410236.2011.578331
- INE. (2016). Estatísticas da Saúde 2014. Lisboa.
- Kreps, G. (2003). The impact of communication on cancer risk, incidence, morbidity, mortality and quality of life. *Health Communication*, 15, 161-169. DOI: 10.1207/S15327027HC1502_4
- Kreps, G., & Neuhauser, L. (2003). Rethinking communication in the E-health Era. *Journal of Health Psychology*. DOI: 10.1177/1359105303008001426
- Leavell, S., & Clark, E. (1976). *Medicina preventiva*. São Paulo: McGraw-Hill
- Lopes, F. (2007). *A TV das Elites*. Campo das Letras
- Lopes, F. (2015). *Jornalista. Profissão ameaçada*. Lisboa: Alêtheia Editores
- Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S. & Araújo, R. (2011). Jornalismo de Saúde e Fontes de Informação, uma análise dos jornais portugueses entre 2008 e 2010. *Derecho a Comunicar*, (2), 100-120.

- Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S. & Araújo, R. (2012). A saúde em notícia entre 2008 e 2010: retratos do que a imprensa portuguesa mostrou. *Comunicação e Sociedade*, número especial, 129-170. Disponível: <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/view/1361>
- Lopes, F., Ruão, T., Marinho, S., Pinto-Coelho, Z., Fernandes, L., Araújo, R., & Gomes, S. (2013). *A Saúde em Notícia: repensando práticas de comunicação*, Centro de Comunicação e Sociedade
- Martins, M. (2013). O Corpo Morto: Mitos, ritos e superstições. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 1, 109-134.
- Melo, A. (2010). Opinião: Doente Oncológico. Serviço Nacional de Saúde. Disponível em: <http://pns.dgs.pt/opiniao-doente-oncologico/>
- Messner, M. & Distaso, M. (2008). The source cycle. *Journalism Studies*, 9, 447-463. DOI: 10.1080/14616700801999287
- Miranda, N., Portugal, C., Nogueira, P. J., & Farinha, C. S. (2014). Doenças Oncológicas em números - 2014. *Ministério da Saúde-Direção-Geral de Saúde*, 1-118.
- Miranda, N., Portugal, C., Nogueira, P. J., Farinha, C. S., Oliveira, A. L., Alves, M. I., & Martins, J. (2016). Portugal Doenças Oncológicas em números, 2015. Portugal Doenças Oncológicas em números – 2015. *Ministério da Saúde-Direção-Geral de Saúde*, 7-65.
- Moreira, P. (2005). *Para uma prevenção que previna*. Coimbra: Quarteto
- Moser, R., Mccaul, K., Peters, E., Nelson, W. & Marcus, S. (2007). Associations of perceived risk and worry with cancer health-protective actions data from the Health Information National Trends Survey (HINTS). *Journal of health psychology*, 12, 53-65. DOI: 10.1177/1359105307071735
- Oliveira, M. (2005). Olhando a morte dos outros. In *Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação - Livro de Actas – 4º SOPCOM* (pp. 1952-1962). Aveiro: Universidade de Aveiro.
- OMS (2015). Media centre. Cancer. Fact sheet nº 297. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs297/en/>
- Ratzan, S. (1993). Political Communication as Negotiation: Breathing New Life Into Government. *American Behavioral Scientist*, 37, 200-210. DOI: 10.1177/0002764293037002008
- Ratzan, S. (1994). Editor's Introduction: Communication--The Key to a Healthier Tomorrow. *American Behavioral Scientist*, 38, 202-207. DOI: 10.1177/0002764294038002002
- Ratzan, S. (2001). Health literacy: communication for the public good. *Health Promotion International*, 16, 207-214. DOI: 10.1093/heapro/16.2.207
- Ratzan, S. (2002). Public health at risk: Media and political malpractice. *Journal of health communication*, 7, 83-85. DOI: 10.1080/10810730290087969
- Socha, T. & Stamp, G. (2010). *Parents and children communicating with society: Managing relationships outside of the home*. Routledge.
- Staliano, P. (2012). *Promoção e Comunicação em Saúde: Um estudo sobre a atuação de agentes comunitários*. Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília

- Tanner, A., Friedman, D. & Zheng, Y. (2015). Influences on the Construction of Health News: The Reporting Practices of Local Television News Health Journalists. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 59, 359-376. DOI: 10.1080/08838151.2015.1029123
- Thomas, R. (2006). *Health Communication*. EUA: Springer Science + Business Media, Inc
- Wilson, A., Robertson, J., McElduff, P., Jones, A. & Henry, D. (2010). Does it matter who writes medical news stories? *PLoS Med*, 7. DOI: 10.1371/journal.pmed.1000323
- Zapater, J. (2010). Prevention of forced displacement: the inconsistencies of a concept. Policy Development and Evaluation Service. Disponible: <http://www.unhcr.org/4bbb2a199.pdf>